



ISSN 2177-2940
(Online)
ISSN 1415-9945
(Impresso)

Comunismo e Anticomunismo no jornal *Tribuna Criciumense* – 1955-1965

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v22i2.39739>

João Henrique Zanelatto

Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Brasil. E-mail: jhz@unesc.net

Krislaine da Cruz De Campos,

Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Brasil. E-mail:



Palavras-chave: Imprensa. Anticomunismo. Criciúma.	Resumo: O jornal <i>Tribuna Criciumense</i> foi o único impresso publicado na cidade de Criciúma no período retratado neste escrito. Fundado em 1955, ele passou por três fases. Na primeira, produziu um discurso anticomunista, mas de maneira um pouco tímida. Na segunda fase, com curta duração, o impresso passou a valorizar a ideologia comunista e, ao mesmo tempo, a defesa do presidente João Goulart. A última fase foi marcada por ataques violentos contra o comunismo, em defesa do golpe civil-militar e da ditadura implantada. Analisar essas fases e como os discursos anticomunista e pró-comunista reverberaram no jornal se configura no objetivo deste escrito.
Key words: Press. Anticommunism. Criciúma.	Communism and Anti-communism in the newspaper <i>Tribuna Criciumense</i> – 1955-1965 Abstract: The newspaper <i>Tribuna Criciumense</i> was the only printed published in the city of Criciúma in the period portrayed in this writing. Founded in 1955, it went through three phases. In the first, it produced an anticommunist discourse, but in a somewhat timid way. In the second phase, with short, printed it came to value the communist ideology and at the same time, the defense of President João Goulart. The last phase was marked by violent attacks against communism, in defense of the civil-military coup and dictatorship implanted. Analyzing these stages and how the anticommunist and pro-communist discourses reverberated in the paper is configured in the purpose of this writing.
Palabras clave: Prensa, Anticomunismo, Criciúma.	Comunismo y Anticomunismo en el diario <i>Tribuna Criciumense</i> - 1955-1965 Resumen: El <i>Tribuna Criciumense</i> fue el único periódico publicado en la ciudad de Criciúma durante el período retratado en este artículo. Fundado en 1955, atravesó por tres etapas. En la primera, produjo un discurso anticomunista, aunque de manera un poco tímida. En un segundo momento, de corta duración, la publicación valorizó la ideología comunista y, al mismo tiempo, la defensa del presidente João Goulart. Ya la tercera etapa fue marcada por violentos ataques anticomunistas, por la defensa del golpe cívico-militar y de la dictadura implantada. El objetivo del presente texto es analizar las diferentes etapas del periódico y ver cómo los discursos anticomunista y pro-comunista se sucedieron a lo largo de su historia.
Artigo recebido em 28/09/2017. Aprovado em: 02/04/2018.	

Introdução

Situada no sul catarinense, Criciúma ficou conhecida nacionalmente como a capital do carvão. Isso se deve à exploração do carvão mineral na cidade no começo do século XX. Esse processo crescente de exploração do carvão (em especial no contexto das guerras mundiais, que dificultaram a importação do carvão inglês, e pelo fato de o Estado passar a investir e subsidiar a produção do mineral) colocou Criciúma na condição de principal cidade do sul catarinense e uma das principais do Estado no final dos anos de 1950. Ficou conhecida também pela forte organização dos trabalhadores das minas de carvão, que se articulavam em torno do Sindicato dos Mineiros, criado em 1945, o qual causava preocupação nos setores dominantes da cidade.

Além das mudanças políticas que se processaram no período e que serão analisadas em seguida, a década de 1940 marcou o *boom* da mineração. Por ocasião da Segunda Guerra Mundial, o governo brasileiro ampliou os incentivos e subsídios à exploração do carvão. Entre 1940 e 1950, a população de Criciúma praticamente dobrou, pois a mineração atraiu trabalhadores dos vários municípios da região e até de outros estados. Ao mesmo tempo que foi se constituindo um grupo de empresários vinculados à exploração do carvão, os quais iriam participar e influenciar decisivamente nas disputas pelo poder político local e

regional, os trabalhadores das minas foram se organizando para lutar por melhores salários, condições de trabalho e moradia. Assim, em 1944, foi criada a Associação dos Trabalhadores na Extração de Carvão de Criciúma, que, em maio do ano seguinte, recebeu a carta sindical, passando a chamar-se Sindicato dos Trabalhadores na Extração de Carvão de Criciúma (VOLPATO, 1984). Além das intensas lutas desenvolvidas pelo sindicato, os trabalhadores articularam suas lutas no âmbito partidário, em especial no PCB e no PTB.

O contexto internacional era o da “Guerra Fria”, do mundo dividido em dois polos. De um lado, a União Soviética e os países que haviam adotado o socialismo. De outro, os países capitalistas liderados pelos Estados Unidos. O Brasil e também a América Latina (excetuando Cuba, que fez uma revolução em 1959 e adotou o socialismo) eram considerados países periféricos sob o controle norte-americano. No contexto nacional, o Brasil vivenciava um processo de urbanização, industrialização, organização e participação política da sociedade civil (VOLPATO, 1984). Foi nesse contexto que se processaram a organização partidária e as disputas políticas em Criciúma, no período de 1945-1964, e que também foi criado o jornal *Tribuna Criciumense*, o qual deu visibilidade para essas disputas. Analisar como os discursos anticomunista e pró-comunista

reverberaram no jornal se configura no objetivo deste escrito.

Já faz algum tempo que as peculiaridades dos jornais, a simbologia das palavras e a investigação dos leitores como público-alvo, receptores e transmissores das suas informações têm contribuído para novas interpretações da história. Na condição de representantes da sociedade onde estão inseridos, os periódicos se constituíram em fontes fundamentais para os mais variados tipos de estudos. Em suas páginas, está a permanência das memórias de acontecimentos pretéritos (BEZERRILL, 2011). Segundo Capelato (1994, p. 24-25), “[...] a imprensa, ao invés de espelho da realidade passou a ser concebida como uma representação do real, ou melhor, de momentos particulares da realidade. Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época”. O processo de produção do impresso configura-se em um ato de poder. Nele estão implícitas relações que podem ser elucidadas. Portanto, “A imprensa age no presente e também no futuro, pois seus produtores engendram imagens da sociedade que serão reproduzidas em outras épocas.” (CAPELATO, 1994, p. 24-25). Neste escrito, o noticiário *Tribuna Criciumense* foi utilizado como fonte e como objeto de análise.

O jornal *Tribuna Criciumense* foi o único noticiário impresso que circulou na cidade durante o período de 1955 a 1965. Ele

exerceu grande influência na construção de ideias e do imaginário da população cricumense, principalmente relacionada ao ideário comunista. Foi a partir da década de 1950 que o imaginário anticomunista marcou presença na sociedade brasileira, e os meios de comunicação participaram ativamente na construção desse imaginário. O comunismo seria então caracterizado como o “perigo vermelho” (MOTTA, 2002).

[...] o imaginário social é, desse modo, uma das forças reguladoras da vida coletiva. As referências simbólicas não se limitam a indicar os indivíduos que pertencem à mesma sociedade, mas definem também de forma mais ou menos precisa os meios inteligíveis das suas relações com ela, com as divisões internas e as instituições sociais etc. O imaginário social é, pois, uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controle da vida coletiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder. Ao mesmo tempo, ele torna-se o lugar e o objeto dos conflitos sociais. (BACZKO, 1995, p. 309-310).

Fundado no município em 2 de maio de 1955, o jornal *Tribuna Criciumense* passou por três fases distintas em sua administração até o ano de 1965, sendo possível evidenciar um forte posicionamento anticomunista expresso em suas páginas durante a primeira e a terceira fase.

Durante a primeira administração, o discurso anticomunista começou a aparecer em compasso lento. O contexto da Guerra Fria começou a gerar ideias e posicionamentos anticomunistas e em apoio aos EUA. Na segunda fase, encontrou-se um

posicionamento diferente da fase anterior, ou seja, notícias sobre Cuba e outros países que aderiram ao comunismo durante o processo da Guerra Fria foram vistos e interpretados de maneira positiva. Durante a terceira fase, o discurso contrário ao comunismo se fortaleceu cada vez mais e marcou as páginas do jornal *Tribuna Criciumense*. Nesse sentido, o medo do suposto ataque comunista foi um dos discursos utilizados para que João Goulart fosse deposto do cargo de presidente da República e o Brasil sofresse o golpe civil-militar em 1964.

1955-1961: o “tímido” discurso anticomunista da *Tribuna Criciumense*

José Pimentel foi quem criou o noticiário em Criciúma. Filho de Aurílio Pinto Pimentel e de Maria Andrade Pimentel, nasceu no dia 3 de março de 1915, no município de Aracruz, Espírito Santo. Formou-se em direito no ano de 1943, pela faculdade de Niterói, posteriormente exercendo a função no Foro do Rio de Janeiro. Pimentel mudou-se para Criciúma no ano de 1945, onde instalou seu escritório de advocacia e exerceu sua profissão de advogado, além de se envolver com o “poderio” político local. Em 1949, casou-se com Darcy Angeloni, com quem teve as filhas Marilena, Ilka e Marília.

Vereador pela União Democrática Nacional – UDN, em 1951, foi um dos

principais idealizadores e fundadores do partido na cidade e também o primeiro presidente da Associação Comercial e Industrial de Criciúma – ACIC, fundada em 1951 em substituição à antiga “Associação Comercial de Criciúma” (ZACHARIAS, 2000, p. 544), sendo um forte braço dos setores dominantes da cidade, o que ficou visível nas relações e interesses sociopolíticos existentes na associação (ZACHARIAS, 2000). Teixeira (1996, p. 126) afirma que, “Na verdade, a eleição de Pimentel na associação significou, em parte, a influência da UDN sobre a entidade, na medida em que Pimentel, além de se identificar com os interesses industriais (leia-se, dos grupos mineradores e cerâmicos liderados na época pelos Freitas)”, fez oposição aos comerciantes da cidade ligados ao PSD.

Durante essa primeira administração do jornal, o discurso contra o comunismo começou a aparecer, ainda que a passos lentos. O contexto da Guerra Fria começou a gerar ideias e posicionamentos anticomunistas e em defesa do alinhamento aos EUA. Os países que aderiram ao comunismo nesse período tiveram seus governos e governantes citados e criticados pelo noticiário da cidade. Durante boa parte da década de 1950, Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek estiveram mais preocupados com crescimento econômico do que com o combate ao comunismo, pois não o consideravam tão “grave” (MOTTA, 2002, p.

4).

Na *Tribuna Criciumense*, o discurso começou a ganhar força e a ser propagado no fim dos anos 50 e começo dos anos 60, praticamente nos últimos anos do mandato de Juscelino Kubitschek, que teve início em 1956.

Paralelamente, JK buscou expandir a barganha para a área socialista e terceiro-mundista, mas de forma extremamente acanhada. A economia brasileira internacionalizava-se acentuadamente e os conflitos sociais exacerbavam-se, enquanto as repercussões da Revolução Cubana criavam problemas adicionais. Não podendo agir além do que lhe permitiam suas bases de sustentação política, a diplomacia de JK permaneceu no meio do caminho, empurrando para seus sucessores decisões que não podia ou não estava disposto a tomar. (VIZENTINI, 2003, p. 207).

O presidente Juscelino Kubitschek e o vice-presidente João Goulart eram vistos como uma aposta “perigosa” para o País, pois mantiveram uma aproximação com os trabalhadores em geral, sendo considerados pela UDN, pela igreja católica e pelos setores militares simpatizantes do partido comunista. A ideologia comunista despertou paixões intensas e opostas: de um ponto de vista, os que a defendiam a consideravam uma revolução libertadora e humanitária, que abriria acesso ao progresso econômico e social. De outro ponto de vista, os detratores a viam como uma desgraça total, a destruição da boa sociedade e a emergência do caos social e do terror político (MOTTA, 2002).

Em uma das reportagens de 1958, intitulada “A todos vocês”, ficou explícito o

posicionamento do jornal, podendo ele ser assemelhado ao posicionamento patronal da cidade. Fez-se um apelo dramático a toda a população, citando desde operários até governantes políticos, apontando como seria se o Brasil se tornasse um país socialista.

Vocês não somente perderão os seus bens materiais, como também aquilo que nós brasileiros tanto prezamos, que é a nossa liberdade. Vocês, homens da produção, das profissões liberais, gente do povo, enfim, quantas vezes se irritam quando não tratados de maneira displicente por certos funcionários, que se consideram pequenos deuses, a povoar a importância que não têm... [sic] Vocês podem reclamar. Podem ir à imprensa, aos órgãos de classe, até aos partidos políticos, se o desejarem. E depois? Poderão protestar contra os arrogantes comissários do povo, quando nossa pátria for uma República Socialista? E é o que pretendem alguns desesperados! (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 11 de maio de 1958).

O posicionamento dos mineradores que compunham grande parte da classe patronal da cidade ganhou voz no noticiário impresso. O medo de perder suas propriedades privadas e a suposta posição igualitária em uma sociedade, que até então só lhes trazia privilégios, levou-os a atitudes grotescas, destinadas a assombrar a consciência dos mais desprovidos de conhecimentos e de informações.

Em Criciúma, igreja católica e política caminhavam juntas, estavam em sintonia com o setor dominante. Os ditos comunistas, na maioria das vezes, eram acusados pela sua falta de fé. A preocupação com os valores religiosos e com o suposto perigo comunista estampava-se nas páginas do jornal, como, por exemplo,

na vez em que trouxe o seguinte alerta: Está na hora “[...] de todos nós agirmos como cristãos que dizemos ser, pensando não com interesse pessoal, porém com os olhos voltados para o bem da coletividade e o futuro da nossa Pátria!”. E, ainda: “Se não fizermos isso, se não agirmos consoantes os ensinamentos cristãos que aprendemos dos nossos pais, os aventureiros tomarão conta do poder. E todos nós sofreremos”. O articulista, nesse caso, terminou lembrando os leitores sobre as eleições que transcorreriam naquele ano: “Não esqueçam que, quando estiverem votando, dentro da cabine, o cabo eleitoral não os verá! Mas as suas consciências de homens livres sim! E DEUS também!” (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 11 de maio de 1958).

Rodeghero (2002) faz uma interpretação do anticomunismo católico no Brasil. Segundo a autora, a partir de 1960, o posicionamento anticomunista foi se fortalecendo principalmente sob os reflexos da Revolução Cubana e da candidatura de João Goulart. Com o apoio da igreja católica, a disseminação do discurso se proliferou em larga escala e toda a estrutura da igreja católica (aliada com governos e setores conservadores) passou a ser utilizada no combate ao comunismo.

O anticomunismo católico no Brasil se organizava a partir da infraestrutura já existente da igreja e se beneficiava das boas relações da hierarquia com governos e grupos dominantes. Poderia ser veiculado em pronunciamentos de

autoridades católicas como os Arcebispos do Rio, Dom Jaime Câmara; São Paulo, Dom Carlos Vasconcelos Mota; de Porto Alegre, Dom Vicente Scherer; realizados em entrevistas para jornais, alocações radiofônicas, solenidades de inauguração, missas especiais. Também poderia recheiar as páginas dos jornais católicos e os programas das rádios, ser difundido nas escolas, nos grupos da ação católica, nos seminários onde se formavam os novos padres. Poderia se circular na forma de livros, revistas, cartazes, panfletos e santinhos impressos nas gráficas e editoras católicas. (RODEGHERO, 2002, p. 25).

O discurso da igreja era usado para intimidar o leitor sobre o comunismo. A grande maioria das reportagens, especialmente nesse período, vinha acompanhada desses argumentos voltados à fé cristã. Moral religiosa e moral familiar eram os valores defendidos, bem como que os comunistas iriam destruí-las.

Luiz Carlos Prestes foi um dos alvos do direcionamento da propaganda anticomunista, sendo considerado o propagador do comunismo pelo Brasil e por diversos outros países, além de defensor de uma doutrina contrária à fé cristã, que visava romper com o conceito de família e de religiosidade. Uma das reportagens, intitulada “Prestes, o novo anjo”, refere-se especificamente ao líder comunista. Prestes era visto como uma ameaça “aos bons costumes” difundidos pela igreja. Ao longo do texto, o articulista atacou com veemência o comunismo e também o PCB, dizendo que esses eram propagadores de desordens e desestruturação da sociedade, além de criticar as mobilizações trabalhistas, que buscavam

melhores condições de trabalho e aumentos salariais.

Além das críticas ao partido e ao ideário comunista, acusações de “Chefe Vermelho”, “Novo Anjo”, entre outras, eram atribuídas à pessoa de Luiz Carlos Prestes, que seria acusado também de toda a culpa caso a provável revolução viesse a acontecer no País.

Será, então, o momento do novo anjo desafivelar a máscara, quando começar o desemprego em massa, desorganização econômica, as necessidades coletivas insatisfeitas, os descontentamentos, os flagelados atingindo o sul, a oposição violenta ao governo... [sic] Então, sim, é a hora do lobo despir-se da pele de carneiro e aparecer tal qual foi, e será, pregando a insurreição contra a democracia e a implantação da ditadura do proletariado, essa mesma ditadura com que tem ensanguentado outras nações, pela brutalidade de seus métodos, que decorrem da doutrina que defende, vazia de espírito, de dignidade e de respeito à pessoa humana! (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 19 de maio de 1958).

O artigo do jornal foi concluído assim:

O novo anjo – Prestes – quer se fazer passar como um simples cidadão, igual aos outros, mas esquece que ele chefia, entre nós, a horda Russa, que pretende reproduzir 1935, que nos quer impor a ditadura que impera na Hungria, na China, Polônia e Tchecoslováquia, e, sobretudo, que tem as mãos vermelhas pelo sangue de Elza Copelo; derramado monstruosamente num crime comum, de que foi o mandatário. (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 19 de maio de 1958).

Pode-se inferir que esses ataques a Prestes e ao PCB tinham relação com as preocupações que a classe dominante local

tinha com a organização do PCB na cidade ou com os trabalhadores no Sindicato dos Mineiros. Nesse período, o PCB enviava responsáveis para diferentes regiões, a fim de difundir do ideário do partido. Um exemplo foi a figura de Francisco José Pereira, o “Chico Comunista”, como era conhecido. Chico era advogado e desde muito cedo se identificava com o comunismo. Integrou-se ao PCB aos 22 anos de idade e, logo após, foi enviado para trabalhar em Criciúma em defesa das causas trabalhistas dos mineiros.

Em Criciúma, suas atividades giravam em torno do movimento grevista dos mineiros. Na greve de vinte e nove dias, realizada no mês de janeiro de 1960, muitos mineiros foram demitidos e Francisco trabalhou nos processos de demissão sem justa causa, quando o direito de greve era ignorado. Na ocasião da greve, o jovem advogado Francisco Pereira, com apenas 26 anos de idade, foi incumbido de liderar uma comissão de mineiros para negociar a situação dos trabalhadores no carvão de Criciúma. (FABRICIO, 2011, p. 48).

Para além desses atributos negativos, os quais se referiam aos comunistas, nessa primeira fase do *Tribuna Criciumense*, a Rússia era um dos países mais citados e referenciados como “exemplo ruim” de governo comunista. Ela foi um dos primeiros países a se identificar com as ideologias do comunismo, já em 1917, com a chamada “Revolução de Outubro”. Dessa maneira, o país foi citado em diversas reportagens, que explicitaram a preocupação do jornal com a difusão do ideário comunista pela Rússia.

Exemplo do exposto foi o texto intitulado “O último reduto totalitário”, que iniciou com um comparativo entre o regime nazista e o comunista.

O autor descreveu dramaticamente como se desenvolveu o nazismo, destacando o “louco do Hitler” ao fazer referência ao líder alemão. Disse que estavam seguros de “já terem pagado” um preço bem grande por causa do “louco alemão”, e que assim, dignos de liberdade, não estavam prontos para mais um “banho de sangue”. Manifestou opinião ao prosseguir dizendo que a “Rússia desejava tomar o lugar da Inglaterra”.

A reportagem foi finalizada da seguinte maneira:

A humanidade não tolera nem aceita régulos e o melhor conselho que se pode dar aos comunistas russos é que se contentem com as suas experiências dentro das suas próprias fronteiras, façam suas festas, os seus desfiles engalanem as suas ruas, mas acabem com as contínuas provocações aos povos de outras terras que desejam viver em paz. Não se iludam, os regimes de força têm vida precária e restrita. Não cansem nem abusem da paciência dos povos livres (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 08 de agosto de 1960).

À medida que a década chegava ao fim, o discurso anticomunista tomava corpo nas páginas do *Tribuna Criciumense*. Isso, certamente, deve-se à conjuntura internacional de expansão do comunismo com a experiência chinesa e cubana e, internamente, à crescente organização dos trabalhadores, em especial à crescente organização dos mineiros em

Criciúma, dado que provocava preocupação entre os setores dominantes da cidade, principalmente entre os mineradores.

***Tribuna Criciumense* nas trincheiras da esquerda: a crítica à política conservadora**

Na segunda fase, o jornal esteve nas mãos de homens considerados comunistas: Manif Zacharias, Henrique Dauro Martignago e Jacób Victor Cruz. Zacharias nasceu no dia 5 de agosto de 1918, na cidade de Curitiba, PR. Era filho de Assad Zacharias e de Zalfa Neme Zacharias. Formou-se em medicina pela Universidade Federal do Paraná em 12 de dezembro de 1940. Veio para o município de Criciúma, em 1944, a fim de trabalhar em uma das empresas carboníferas do Grupo Jafet, para atender os operários. Além disso, atendeu como clínico geral, cirurgião, ginecologista, obstetra e pediatra, ficando conhecido como “médico da família”. Foi também um dos fundadores do Hospital Santa Catarina (ZACHARIAS, 2000).

Casou-se com Dulce Rovaris, neta de Marcos Rovaris, ativo político da “direita” cricumense e de uma família praticante do catolicismo. Zacharias destacou, em uma de suas obras, que, para a oficialização do matrimônio, os procedimentos não foram tão simples. Conhecido na cidade como simpatizante comunista e nem um pouco frequentador das celebrações religiosas cristãs,

teve que se submeter a um interrogatório do pároco da cidade, Padre Pedro Baldoncini. Ao negar-se a fazer a confissão para receber o sacramento do matrimônio, precisou assinar um documento no qual prometia manter sua família e criar seus filhos na lei da igreja católica. “Assumi o compromisso por escrito e meu casamento realizou-se em 8 de dezembro de 1945, na Igreja Matriz de nossa cidade” (ZACHARIAS, 1999, p. 32). Dessa relação nasceram seus três filhos: Miriam, Dóris e Miguel.

Henrique Dauro Martignago também se dedicava à área da saúde do município. Filho de Leandro Martignago e Rachele (Natália) Ferraro Martignago, nasceu no dia 28 de agosto de 1938, em Criciúma, SC. Formou-se em odontologia pela Faculdade de Farmácia e Odontologia do Rio de Janeiro. Atuou na profissão de cirurgião dentista, por meio da qual, durante anos, fez parte do quadro clínico de profissionais do Hospital São José. Foi também um dos idealizadores da construção do Hospital Santa Catarina. Casou-se com Mérope Gorini Martignago, com quem teve três filhos: Gabriela, Paulo e Helena.

Jacób Victor Cruz era natural da cidade de Porto Belo, SC, onde nasceu no dia 25 de maio de 1918. Filho de Vitor Cruz e Ana Cecília Campos Cruz, foi casado com Irma Mayer Cruz, com quem teve quatro filhos: Valquíria, Clóvis, Selma e Tania. De uma segunda união, com Mônica Neis, nasceram

seus outros dois filhos: Júlio e Paulo. Jacób trabalhou em diferentes atividades na região. Foi funcionário do IAPETEC, onde se aposentou em 1985 (ZACHARIAS, 1999).

Vale aqui destacar que todos os três nomes citados acima estavam entre os presos políticos acusados de comunistas no pré-golpe de 1964, na região carbonífera, como relatou o empresário Sebastião Netto Campos:

[...] Aqueles tidos como cabeças do movimento pró-Jango, Brizola e nomeados como comunistas, estavam detidos: Jacób Victor Cruz, Nego Néris, Dr. Manif Zacharias, Henrique Dauro Martignago, Vânio Faraco, Eloy Felipe, Jorge Feliciano, Antonio Parente, Raimundo Verdieri, Manoel Ribeiro e outros. (CAMPOS, 2001, p. 101).

Como exposto, nessa fase, o jornal passou para a propriedade e direção de militantes comunistas, mas com uma experiência de curta duração – março de 1961 a outubro do mesmo ano. Nesse momento, o posicionamento do noticiário se inverteu para dar apoio aos comunistas, aos países comunistas e, principalmente, ao presidente João Goulart.

Nesse contexto, haviam assumido o comando da nação Jânio Quadros, pela UDN, e João Goulart, pelo PTB. Este último, na condição de vice-presidente. Os representantes lançaram uma política externa independente para o Brasil, por meio da qual deixaram de priorizar o comércio apenas com os estadunidenses, expandindo as relações com outras nações, inclusive com a União Soviética

e outros países socialistas. “Desde o início de seu breve governo, Quadros manteve um discurso crítico em relação aos EUA.” (VIZENTINI, 2003, p. 208). Nas páginas do jornal, logo apareceu o apoio à política externa de Quadros e Jango, intitulada *A situação econômica é simples*. Destacaram na matéria a grandiosidade de possibilidades e recursos ao País com a ampliação da política externa ao bloco comunista.

A situação do Brasil é simples, quando a examinamos do ponto de vista financeiro, deixamos de lado as ideologias e os partidos. Existem no mundo dois blocos de comércio, liderados pelos Estados Unidos e pela União Soviética. O Brasil só tem a perder se comercializar apenas com um desses grupos, seja ele qual for; é preciso conservar uma posição de equilíbrio para tirar o máximo de ambos, reivindicando ora de um, ora de outro. (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 04 de setembro de 1961).

A atitude do presidente causou grande repercussão e críticas ao seu governo por parte dos conservadores nacionais e locais da UDN, principalmente após receber o cubano Che Guevara no Brasil e enviar o vice Goulart para uma viagem comercial à “China Comunista”. Aproveitando-se da conjuntura política, Quadros propôs a renúncia, pois “[...] acreditava não ser aceita, com o objetivo de ampliar seus poderes. No entanto, a defesa civil e militar, que desde 1954 tentara conquistar o poder, aceitou a renúncia e manifestou-se contrária ao retorno e posse do vice-presidente.” (VIZENTINI, 2003, p. 209).

Jânio Quadros renunciou em 25 de agosto de 1961, pouco mais de cinco meses depois de assumir a presidência da República. Da data da renúncia até setembro do mesmo ano, o país foi “[...] governado, de fato, por uma junta militar formada pelos ministros de Jânio: Odílio Denys, Silvio Heck e Grum Moss. Apoiados pelos setores mais reacionários da UDN, fizeram de tudo para impedir a posse do vice-presidente.” (NAPOLITANO, 2014, p. 33).

Segundo Napolitano (2014), entre esse meio tempo, o Brasil começou a assistir a dois tipos de mobilização, a política e a militar. Insatisfeito com os últimos acontecimentos, Leonel Brizola, governador do Rio Grande do Sul e petebista como Jango, resistiu ao golpe civil e, pela legalidade da constituição, usou o III exército em oposição às forças armadas de São Paulo. No mínimo, até o fim do mês de agosto de 1961, a tensão era de que o golpe se transformasse em uma guerra civil no País.

Na semana da pátria, o jornal dedicou solidariedade ao presidente: *Unidade Nacional pela legalidade com João Goulart*:

A luta pela aplicação do artigo 79 da Constituição Federal vem mobilizando a opinião nacional, formando um movimento de reação contra os golpistas que tentam impedir a posse do Presidente João Goulart. O movimento pela legalidade constitucional, em todo o país, não tem precedentes na história do nosso glorioso e querido Brasil. Jamais a opinião pública nacional reagiu com tanto patriotismo e com tanta serenidade. A unidade nacional contra o golpe é assombrosa. Todos os partidos políticos, todas as correntes de

opinião, todas as classes e todos os brasileiros de norte a sul e de leste a oeste estão imbuídos de um único pensamento – LEGALIDADE CONSTITUCIONAL COM A POSSE DE JOÃO GOULART. (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, Semana da Pátria de 1961).

Pedindo paz para o Brasil, o jornal chamou a atenção da população cricumense para as movimentações que vinham surgindo no governo nacional e se reproduzindo nas regiões do País. Esse discurso ganhou força nos noticiários que buscavam inviabilizar a posse, por João Goulart, da Presidência da República. Por sua vez, o Jornal Tribuna Criciumense se manteve firme no apoio ao representante petebista e lançou outra mensagem aos leitores, abordando os planos dos militares para o possível golpe e ditadura militar. Com o título “*JANGO no poder: um imperativo da consciência Democrática Nacional*”, manifestou-se a favor dos direitos de Jango no governo brasileiro.

A inesperada renúncia do Sr. Jânio Quadros ao governo da nação, a 25 de agosto, ensejou aos elementos golpistas a oportunidade há muito por eles aguardada de tentarem um golpe de força, que lhes daria poderes discricionários para a instalação de uma ditadura político-militar em nosso país, com a consequente sufocação das liberdades públicas. (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, Semana da Pátria de 1961).

O texto também relatou o apoio do

governador de Guanabara, Carlos Lacerda¹, que declarou seu apoio aos militares, em nome das forças armadas, alegando ser contra João Goulart por motivos maiores de segurança da nação. Esse posicionamento foi questionado na reportagem, a qual utilizou o artigo 79 da Carta Magna, que dizia que o sucessor legítimo do presidente da República, “[...] caso haja substituição de cargo, é o Vice-Presidente eleito democraticamente pela população”.

Seguiu pedindo a atenção e o apoio do povo para a sequência de acontecimentos no País, para não permitirem que a soberania fosse ameaçada, que as forças armadas passassem por cima de todo e qualquer direito e liberdade do cidadão brasileiro.

De qualquer maneira, porém, é necessário que todos os brasileiros indistintamente, de todos os recantos do país, de todos os partidos políticos, de todas as seitas religiosas, de todas as camadas sociais, estejam atentos e vigilantes, acompanhando de perto os acontecimentos e tomando parte ativa nos movimentos populares, de caráter ordeiro, que visem fazer aos nossos mandatários que deles esperamos o máximo respeito à soberania do povo, característica essencial do regime democrático em que vivemos e que alcançamos a peso de ingentes sacrifícios e mesmo sangrentas lutas. E a soberania do povo, expressa no texto da Constituição em vigor, manda que o Sr. João Goulart seja empossado o mais cedo possível, no cargo de Presidente da República. (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, Semana da Pátria de 1961).

Após as palavras de apoio ao presidente

¹ Carlos Frederico Werneck de Lacerda iniciou sua carreira profissional trabalhando como escritor no jornal Diário de Notícias, em 1929. Simpatizando com os comunistas, participou da Aliança Nacional Libertadora (ANL) em 1935. Ao se dedicar ao jornalismo, rompeu com os comunistas em 1939. Em 1947, foi eleito vereador, pela UDN, no Distrito Federal, onde, após deixar de trabalhar no Diário de Notícias, fundou, em 1949, a Tribuna da Imprensa, que vinha representar as ideias políticas da UDN.

e o alerta à população, o noticiário trouxe críticas àqueles que desejavam o golpe militar já em 1961. Acreditando que tudo estava se normalizando, apontou para as incoerências que justificavam a possível intervenção militar, para a “ignorância” da população por se deixar levar pelos discursos dos que estavam no comando da vida pública. Com títulos em caixa alta e bem destacados, tinha o propósito de chamar a atenção, criticar a oposição e o seu hábito de “taxar” uns e outros de comunistas².

Uma delas, intitulada *Lições da batalha que não houve*, destacou o posicionamento da população mais desfavorecida em um país que tanto se preocupava com a paz e a democracia. Logo de início, demonstrou a insatisfação com o famoso “jeitinho brasileiro” (mais uma vez utilizado para a criação do parlamentarismo) que, constantemente, acompanhava a política brasileira. A criação do novo sistema não serviria para propor uma política com mais eficácia e sim para tirar o poder do presidente João Goulart.

O sangue generoso dos brasileiros não ensopou o solo sagrado da Pátria nascida sob o signo do Cruzeiro. Foi resguardada nossa tradicionalidade cristã e ocidental. Não ocorreu luta fratricida. Deu-se um jeitinho, adiou-se a briga, nasceu o parlamentarismo e o Dr. Pilla adquiriu, quando menos esperava, o direito de descansar em paz. Tudo muito bonitinho, muito certinho, mais uma vez o mundo curvou-se diante da insuperável habilidade brasileira.

Acontece que habilidade e paz não enchem barriga. (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 18 de setembro de 1961).

Logo no início do mandato, os ministros que administravam o executivo do País de setembro de 1961 a janeiro de 1963, praticamente impediram Jango de governar. No entanto “[...] o parlamentarismo não convencia ninguém da sua possibilidade de sucesso.” (NAPOLITANO, 2014, p. 35).

Já no fim dessa direção do noticiário, outra reportagem apontou para aqueles que se diziam grandes patriotas brasileiros, os que defendiam o “futuro da nação” e que enxergavam uma única classe nesse lugar que chamavam de Nação. Uma classe privilegiada, que lutava por não aceitar que aqueles mais desfavorecidos dividissem os mesmos espaços que os seus, que eles desfrutassem dos mesmos direitos e dos mesmos prazeres.

Demonstrando-se descontente, o texto manifestou-se contra a série de acontecimentos daqueles últimos tempos. *GIGANTE ADORMECIDO*:

A crise pela qual passou o Brasil, talvez faça ruir todos esses planos, tão cuidadosamente preparados. A renúncia de um presidente que não podia governar, pois lhe faltava autoridade para tal, a oposição do Priunvirato Militar contra a posse do vice-presidente, taxado como indesejável, a pressão contra o Congresso Nacional, a reforma a jato da constituição, tudo isso deixa boquiaberto, estupefato, o

² Neste escrito, vamos ao encontro da bibliografia recente sobre o golpe civil-militar e sobre o governo de João Goulart, que produziu uma intensa discussão no sentido de desfazer o mito de que as reformas propostas por Goulart consistiam de evidências de uma suposta simpatia do presidente pela ideologia comunista. Ao contrário, o próprio presidente era um grande proprietário rural, e as reformas que propôs durante seu governo não guardavam nenhuma relação com a ideologia comunista.

estrangeiro que começava a sentir nossa maturidade política, agora desmoronada. Fomos alvo, agora, das manchetes internacionais. Porém, como simples país, onde tudo pode acontecer, onde a aparência de uma tranquila situação pode degenerar repentinamente numa quase guerra civil. O país sofrerá ou não com a mudança do governo. O mais provável é a descontinuidade governamental. A solução da continuidade é muito vaga e praticamente não será levada a efeito. Teremos, então, uma mudança geral no panorama político brasileiro. A principal vítima será a economia nacional. E quem vai sofrer as consequências é o povo, este mísero povo brasileiro que nada tem a ver com nada, que se vê destituído de seu único direito de escolher diretamente o seu governante que doravante será feito por aqueles que dominam, que imperam, que reinam neste país, deitado eternamente em berço esplêndido e, que para a desgraça de todos nós brasileiros, quando começa a despertar, é novamente posto a nocaute, por um golpe desferido à traição. (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 18 de setembro de 1961).

Fez uma crítica ao golpe parlamentarista, à maneira como as forças se articularam rapidamente para mudar a constituição e impedir a posse de Goulart. A decisão do povo voltou a ser ignorada, elegeram presidente e vice-presidente quando, repentinamente, o país deixou o presidencialismo e tornou-se parlamentarista.

Da esquerda para a direita: o discurso anticomunista a todo vapor

O empresário Sebastião Netto Campos foi quem comprou o noticiário dos comunistas, administrando a terceira fase do jornal. Ele nasceu no dia 1º de agosto de 1925, na cidade de Catalão, em Goiás. Foi criado em uma família tradicional e sob forte influência

política. Seu pai, Lourival Álvares Campos, era deputado estadual em Goiás no ano de seu nascimento.

No ano de 1945, Campos mudou-se para a cidade de Curitiba a fim de prestar o vestibular e formar-se no curso de engenharia química. No período em que permaneceu em Curitiba, filiou-se, pela primeira vez, a um partido político, o PSB – Partido Socialista Brasileiro.

Formou-se no ano de 1949, no curso superior de Químico Industrial. Nesse período, Sebastião volta a Catalão, mas logo em seguida, em 1950, viaja para o Rio de Janeiro, onde foi nomeado pelo então presidente Eurico Dutra, como Tecnologista Químico no Ministério da Agricultura, em Praia Vermelha, na Urca; além disso, mudou de partido político, filiando-se à UDN – União Democrática Nacional.

Poucos meses depois, foi transferido para Criciúma para ocupar uma vaga de químico no Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), chegando, pela primeira vez, ao município em maio de 1950. Após o cargo no DNPM, Sebastião trabalhou em algumas carboníferas da região, como no ano de 1957, em que foi contemplado com o cargo de gerente da CBCA (Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá), mais adiante se tornando proprietário dessa carbonífera. Também exerceu cargos no sindicato dos mineradores (CAMPOS, 2001).

Nessa fase, o jornal voltou a ser um instrumento de defesa dos interesses dos empresários da cidade, em especial dos mineradores. Nesse contexto, as tensões em âmbito internacional e nacional favoreceram a ampliação do discurso anticomunista na cidade.

Assim, o fortalecimento de um discurso voltado para a classe patronal da cidade voltou a aparecer como posicionamento do noticiário. As notícias foram apresentadas aos leitores em forma de manchetes, que abordavam e apontavam para acontecimentos referentes ao regime comunista como algo desestabilizador dos bons costumes da família brasileira, além de destacarem que o regime era uma ameaça aos governos, principalmente quando se tratava de João Goulart na presidência da República, uma vez que este continuava sendo visto como um simpatizante dos comunistas. Em seu estudo sobre o anticomunismo no Brasil, o historiador Rodrigo Patto Sá Motta utilizou o conceito de representações mentais entendidas como:

[...] processo de construção de ideias, signos ou imagens por meio do qual os homens interpretam e conferem sentido à realidade. Em essência, trata-se de perceber a visão dos anticomunistas sobre seus inimigos revolucionários: como eles pensavam, sentiam, imaginavam e viam os comunistas e o comunismo, em uma palavra, como os representavam. (MOTTA, 2002, p. XXV).

Dessa maneira, o jornal *Tribuna Criciumense* foi utilizado durante todo o

período pré-golpe como um instrumento de disseminação dos interesses dos setores conservadores, em apoio às forças armadas, como a melhor solução para impor novamente a paz no Brasil. No início dessa fase, o noticiário trouxe pequenos textos apontando para a moral e os seguimentos religiosos católicos, que, aos poucos, foram sendo utilizados e engrandecidos em comparação a uma suposta doutrina comunista.

Um dos textos deixou evidente o quão perigosa seria uma ditadura comunista, pois, para eles, tantas mudanças na conjuntura governamental e social trariam uma desordem significativa para o País. Assim, o discurso voltou-se diretamente para a classe trabalhadora, procurando mostrar o que perderiam com o suposto governo comunista.

Nosso operário é exemplo de retidão e sabe que o entendimento deve imperar, para a felicidade de sua própria família. É verdade nua e crua dos fatos, queiram ou não os contumazes intrigantes deste município. Não, meus amigos, chega de tanta injúria. Tentemos elevar, cada vez mais, o bom nome de nossa terra. Mas não tentar espezinhar os que podem e vêm fazendo tanta coisa por ela. Onde não há patrão, não há empregado e onde não há harmonia entre classes não pode haver também o progresso, degenerando para a desavença e muitas vezes para sacrifícios físicos. Norteemo-nos por este princípio e façamos de Criciúma o que ela e seu laborioso povo merecem. (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 15 de janeiro de 1962).

Observa-se, na citação, um discurso corporativista, em um contexto em que o movimento operário dos trabalhadores das minas de carvão estava em ebulição. Por sua

vez, os mineradores, preocupados com a crescente mobilização dos trabalhadores e por uma articulação do empresário Diomício Freitas, que era deputado federal, conseguiram criar o Sindicato dos Mineiros de Rio Maina, em 1962, com o objetivo de dividir a categoria.

Segundo Terezinha Volpato (1984), os anos de 1957 a 1964 apontam para um período de grande militância e luta pelos direitos trabalhistas no sindicato dos mineiros. Isso causava preocupação aos mineradores, contribuindo para que acirrassem o discurso anticomunista na imprensa.

Outras reportagens seguiram essa mesma linha de raciocínio, com uma linguagem direcionada especificamente para atingir o pensamento do trabalhador, associando-o à sua família, ao seu lar e ao seu trabalho. Justificavam-se apontando para o crescimento econômico que o país vinha experimentando e alertavam que o trabalhador, acerca disso, deveria refletir sobre tantos benefícios que já havia obtido – melhores condições de vida e de trabalho –, antes de reclamar e se deixar levar por ideologias alheias.

Não há mais dúvida alguma, ao menos para os que lêem, [sic] pensam e meditam um pouquinho que seja, que, no Brasil, o nível de vida do povo melhorou no sentido de ter melhores coisas, de adquirir o que deseja com mais facilidade, de gozar com mais frequência dos frutos da civilização, embora esteja defeituosa. Não há dúvida, também, de que este mesmo povo adquiriu um muito mais crescido sentido de seu valor, de sua consciência, de seus direitos, embora venha várias vezes

desprezando suas obrigações. Um povo assim pode melhorar uma nação ou arrastá-la para um extremo qualquer de governo: fascista, ditatorial ou comunista. (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 13 de abril de 1963).

A reportagem procurava amedrontar os trabalhadores – por um lado, apontava para uma suposta melhora das condições de vida dos trabalhadores, reconhecia que estes adquiriram consciência de classe e, portanto, de seus direitos; mas, por outro, enfatizava que a civilização estava defeituosa e que os trabalhadores não cumpriam suas obrigações, o que poderia levar o país para o fascismo ou o comunismo. Assim, a reportagem, com um tom intimidador, tinha um alvo certo – os trabalhadores das minas de carvão que vinham acordando para a luta já há algum tempo, ainda que de vida simples e humilde, que prezavam pelo bem-estar de suas famílias e pelos poucos bens que lhes pertenciam.

Os anos que antecederam ao golpe civil-militar, sob o governo de João Goulart, foram marcados pela pressão e articulação dos setores conservadores – o inconformismo da UDN, juntamente com a igreja e o setor militar, deixa ainda mais acirrado o discurso anticomunista no País.

Em meio a um sistema parlamentarista imposto no País, João Goulart era praticamente uma figura “decorativa” no governo, pois as decisões eram tomadas pelo Primeiro Ministro. Jango, assim como grande parte da população, não acreditava no sucesso do parlamentarismo.

Enquanto lutava por um plebiscito pela volta do presidencialismo, a direita persistia contra ele.

No segundo semestre de 1962, a batalha pelo Brasil em meio à Guerra Fria se acirrou. As esquerdas reafirmaram seu projeto político a partir do tema das reformas, que para alguns era o começo da “Revolução Brasileira”. As direitas, ainda assustadas com o fracasso do golpe contra a posse de Jango, procuravam novas táticas e novos sócios para sua conspiração. As eleições para os governos estaduais e para o legislativo daquele ano serviram de laboratório para novos ataques ao presidente reformista. (NAPOLITANO, 2014, p. 37).

João Goulart conseguiu antecipar a eleição para que o povo escolhesse entre o parlamentarismo e o presidencialismo. O plebiscito aconteceu no dia 6 de janeiro de 1963. A esquerda trabalhista sentia-se vitoriosa, enquanto a tensão continuava nos setores de direita, como demonstraram as páginas do jornal *Tribuna Criciumense* nessa fase. A discussão sobre o plebiscito solicitado por Jango apareceu em uma das reportagens que, de forma sucinta, alegou uma futura crise em consequência do ato.

Notícia-se que o presidente João Goulart teve longa entrevista com o governador de Minas Gerais, Sr. Magalhães Pinto, no sentido de novas e enérgicas providências para compelir a Câmara dos Deputados a votar nova data para a realização do plebiscito sobre o parlamentarismo. Para isto, haverá revisão nos quadros de auxiliares militares e civis da Presidência, medidas em conjunto que poderão gerar outra crise como a havida há pouco tempo com a indicação do novo premiê. (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 28 de julho de 1962).

Realizado o plebiscito, Jango assumiu com plenos poderes e iniciou as chamadas reformas de base. As reformas propostas pelo presidente geraram um inconformismo absoluto entre a direita nacional e os interesses norte-americanos. Napolitano destacou que a grande maioria das propostas de Jango não teve sucesso e que, para além de tantas acusações, desconfiavam de um suposto “[...] golpe de Estado apoiados nos setores subalternos das Forças Armadas.” (NAPOLITANO, 2014, p. 41).

Aos poucos, a crise do governo João Goulart foi se fortalecendo a cada decisão e atitude tomada no congresso. O presidente tentou se aproximar da população na tentativa de ganhar força e apoio do legislativo. No entanto, aproximava-se cada vez mais do Golpe Civil- Militar a cada acontecimento malsucedido.

As derrotas nas batalhas parlamentares de 1963 pelas reformas pactuadas no Congresso e pela retomada das rédeas da economia nacional parecem ter deixado o governo Jango um tanto desorientado. Pressionado à esquerda e à direita, o presidente viu suas margens de manobras diminuírem. Em setembro, antes mesmo de o último projeto de reforma agrária ser derrotado no Congresso, começava a crise político-militar que desgastaria o governo e o próprio regime ao longo dos meses seguintes. (NAPOLITANO, 2014, p. 44).

Dado o Golpe Civil-Militar em 31 de março de 1964, iniciou-se a fase de glória da direita udenista e dos outros setores que lhe davam apoio. As manchetes que estavam

estampadas nas páginas do jornal eram os discursos dos setores dominantes que se sobressaíam outra vez.

O título já dizia por si: *Superada a crise – Vitória do movimento rebelde*. Uma página tomada por recortes glorificando a derrota de João Goulart e a posse dos militares no governo do Brasil. Descaradamente, o discurso vitorioso do governador Carlos Lacerda foi aplaudido e proliferado pelo noticiário: “Não te aproximes. Não te queremos matar, mas estamos prontos para repelir os que aqui te mandaram. E se tu atirares morrerás também. Não queremos matar, mas não estamos dispostos a morrer na hora da vitória.” (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 3 a 11 de abril de 1964).

A reportagem declara que João Goulart “renunciou” e que não se sabia por onde andava o presidente. Além disso, as notícias abordavam o que ocorria no Rio de Janeiro e em São Paulo e destacavam: *Povo carioca festeja vitória*, além de *grande desfile em São Paulo*, aclamando a vitória comemorada. As detenções de última hora em Criciúma também faziam parte da manchete. “O Dr. Helvidio Veloso, delegado Regional de Criciúma, recebeu e está cumprindo ordem de Florianópolis para deter e interrogar diversas pessoas de nossa cidade. A polícia cricumense deu também uma batida no Sindicato dos Mineiros onde foram apreendidos alguns cassetetes.” (JORNAL TRIBUNA

CRICIUMENSE, 3 a 11 de abril de 1964).

Com o golpe em 1964, foi decretada uma greve geral entre os mineiros da região, uma forma de protesto contra o golpe. “O sindicato dos trabalhadores na indústria da Extração de Carvão de Criciúma ‘estava na mira’ do novo governo que se instalou no país. No dia 10 de abril de 1964, ocorreu a prisão dos principais líderes e dirigentes sindicais de Criciúma.” (VOLPATO, 1984, p. 120).

Dessa maneira, o noticiário prestigiou a posse do primeiro presidente militar como o início de uma fase de progresso para o País. *Castelo Branco presidente – Brasil Busca Melhores Dias*, foi como anunciaram as “boas-vindas”. “Exatamente às 15:20 horas de quarta-feira, dia 15, o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco assumiu a Presidência. Em todos os recantos do país a posse foi saudada pelo repicar dos sinos e com esperanças o povo brasileiro aplaudiu Marechal Castelo Branco” (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 18 a 25 de abril de 1964).

As promessas de um governo baseado nas leis e nas tradições foram assimiladas no jornal como um governo que garantiria o futuro e o progresso da nação. Além disso, também foi dado destaque a uma política internacional com países “livres”.

Em comparação ao governo de João Goulart, outra reportagem trouxe um recorte apostando em melhoras com o novo presidente Castelo Branco:

Uma vassourada na demagogia, na agitação, na improbidade, na corrupção e um reformismo lúcido, honesto, consciencioso que, sem anunciar imediatas melhorias impossíveis, realmente conduza a nação, pelo roteiro do desenvolvimento e do progresso, eis que espera o Brasil deste que agora assume a suprema magistratura da República contando com a confiança da imensa maioria de seus concidadãos. (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 25 a 2 de maio de 1964).

Pouco tempo depois, o governo do presidente Castelo Branco rompeu relações internacionais com Cuba, persistindo a “luta” contra os comunistas, como demonstrou o *Tribuna Criciumense*:

O governo do presidente Humberto Castelo Branco rompeu dia 13 as relações diplomáticas com Cuba. A decisão tomada pelo governo brasileiro está em perfeita consonância com os propósitos de não admitir ação comunista no território nacional, propósito este posto em destaque pelo presidente quando em seu discurso de posse afirmou que o Brasil respeitaria a independência dos países de todo o mundo nos seus negócios internos, mas exigiria igual respeito aos seus negócios que admitem qualquer interferência. (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 16 a 23 de maio de 1964).

A notícia foi recebida com satisfação, por acreditarem que o novo presidente estava cumprindo suas promessas, as quais eram constantemente apoiadas pela direita brasileira. O texto também foi usado para criticar o governo de Fidel Castro e enaltecer os norte-americanos.

Em outra reportagem, o jornal trouxe a experiência de uma professora cubana que, já vivendo há dois anos no Brasil, e em visita a Criciúma, declarou-se contra Fidel Castro. Em

entrevista, Nélide Garmendia respondeu sobre diferentes pontos relacionados à vida como cidadã em um país comunista. Ao longo do texto, temas como educação, fome e reformas que estavam ocorrendo em Cuba foram, o tempo todo, associados e comparados ao Brasil.

Educação em Cuba – Distorção de mentalidades. Professora lecionou durante 16 anos em Cuba e renunciou a esta atividade quando se tornou obrigatório o ensino às crianças do marxismo-leninismo. Conforme palavras de Nélide Garmendia, antes de Fidel, Cuba tinha um dos menores índices de analfabetismo da América Latina – 15,5% apesar da campanha comunista dizer que havia 40%, pois o objetivo destes era entregar cartilhas marxistas para serem ministradas aos alunos. (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 12 a 19 de setembro de 1964).

O jornal buscava utilizar a fala da professora para legitimar o seu discurso contra o comunismo. Ao tratar da educação e como o governo cubano impunha cartilhas marxistas para suas crianças, intentava demonstrar o autoritarismo do regime. Na matéria, afirmou que, diferentemente de Cuba, o Brasil foi salvo e livre dos comunistas pelos militares. “O Brasil, graças à revolução de abril, livrou-se deste espectro. Devemos ficar alerta, porque o comunismo não se conforma com o fracasso.” (JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 12 a 19 de setembro de 1964).

Finalizando a entrevista com a professora cubana, o jornal pediu para que toda a comunidade ficasse alerta, pois mesmo

apontando para números de presos políticos no Estado naquele momento, a perseguição aos comunistas deveria continuar, visto que considerava que eles não iriam se conformar.

Assim, na terceira fase do jornal, nas mãos do empresário Sebastião Netto Campos, o discurso anticomunista foi acirrado. Os ataques a Cuba, ao governo João Goulart, que tratavam de acusá-lo de comunista, e a defesa dos militares golpistas permearam as páginas do jornal *Tribuna Criciumense*.

Considerações

O medo e a repressão ao comunismo foi algo muito forte e presente em diferentes regiões do Brasil e em âmbito internacional, especialmente no contexto da Guerra Fria. Como exposto, em Criciúma, SC, o combate ao comunismo na imprensa foi a tônica do jornal *Tribuna Criciumense*, o único que circulou pela cidade naquele período, em especial na primeira e na terceira fase.

Em Criciúma, os setores dominantes, em especial o dos mineradores, preocupados com o possível avanço comunista, utilizavam-se de várias estratégias para combatê-lo. O jornal *Tribuna Criciumense* foi um dos canais usados para influenciar costumes, posicionamentos e atitudes e divulgar sua ideologia, especialmente em relação ao combate ao comunismo.

Na primeira e na última fase, o jornal

ficou nas mãos de grupos ligados à mineração, enquanto a UDN se configurou em um instrumento de manutenção/ampliação do poder político local. Seu anticomunismo era um combate às forças de oposição, em especial àquelas articuladas em torno do Sindicato dos Mineiros, ou próximo a ele, pois, naquele período, foram intensos os embates entre mineiros e mineradores na luta por direitos. O suposto combate ao comunismo foi uma maneira de tentar disciplinar os trabalhadores, enfraquecer ou mesmo impedir suas lutas e reivindicações.

Mas, por que um jornal afinado com uma perspectiva conservadora foi vendido para supostos comunistas? Na edição de vinte e sete de março de 1961 em sua primeira página vem uma matéria intitulada “Mensagem aos leitores”, nela explica que o jornal foi vendido e passou para as mãos de novos proprietários e nova direção. Explica que o motivo da venda do jornal foi que seu proprietário - José Pimentel estava adoentado e sobrecarregado com suas atividades particulares. Mas, por que para os comunistas se José Pimentel era filiado a UDN, foi um de seus fundadores e eleito vereador em 1947 e 1951, foi também o primeiro presidente da ACIC - Associação Comercial e Industrial de Criciúma, instituição que presidiu de 1951 a 1955? Ao analisar a biografia de Pimentel e a historiografia local observou-se que depois que vendeu o jornal não teve mais atuação política na cidade,

parece ter sido colocado no ostracismo (TEIXEIRA, 1996. TRICHÊS. ZANELATTO, 2015).

Na contramão dessas fases, observou-se que na segunda o jornal produziu um discurso pró-comunista e em defesa de João Goulart. Ao dar visibilidade para essa ideologia e defender Goulart, a *Tribuna Criciumense* se aproximava dos interesses dos trabalhadores. Como o PCB estava na ilegalidade, o PTB configurou-se em um dos espaços de atuação política de muitos trabalhadores. Em consequência disso, a segunda fase do jornal teve curta duração, indo parar, pouco depois de mais de seis meses, nas mãos dos mineradores. Infere-se que essa mudança tenha ocorrido devido à forte pressão dos mineradores. Na última impressão do jornal, o editor e proprietários não explicaram o porquê da venda do jornal. Buscar evidências para responder a essa questão configura-se em uma problemática, mas para outro artigo

Referências

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Portugal: Imprensa Nacional, v. 5, 1995.

BAER, Werner. *A industrialização e o desenvolvimento econômico do Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1977.

BEZERRILL, Simone da Silva. *Imprensa e política: Jornais como fontes e objetos de pesquisa para estudos sobre abolição da*

escravidão. Maranhão: UEMA, 2011.

CAMPOS, Sebastião Netto. *Uma biografia com um pouco da história do carvão catarinense*. Florianópolis: Insular, 2001.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994.

CAROLA, Carlos Renato. *Assistência médica, saúde pública e o processo modernizador da região carbonífera de Santa Catarina (1930-1964)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Partidos Políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia. In: FERREIRA, Jorge (Org.). *O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FABRÍCIO, Edison Lucas. *A produção do espectro comunista: Imprensa, política e catolicismo (Blumenau 1960-1964)*. 2011. 177 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

HOBSBAWM, Eric John. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

JULLIARD, Jacques. A política. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Dir.). *História: novas abordagens*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva/Fapesp, 2002.

NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

RÉMOND, Réne. *Uma história presente*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RODEGHERO, Carla Simone. *Memórias e Avaliações: Norte-Americanos, católicos e a recepção do anticomunismo brasileiro entre 1945 e 1964*. 2002. 447 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SANTANA, Marco Aurélio. *Homens partidos: comunistas e sindicatos no Brasil*. Rio de Janeiro: Bomtempo, 2001.

TEIXEIRA, José Paulo. *Os donos da cidade*. Florianópolis: Insular, 1996.

TRICHÊS, Janete. *As oligarquias dos partidos: Criciúma/SC – 1945-1992*. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.

TRICHÊS, Janete; ZANELATTO, João Henrique. *História Política de Criciúma no século XX*. Criciúma, SC: UNESC, 2015.

VIANA, Marly de Almeida Gomes. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935. In: FERREIRA, Jorge (Org.). *O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

VIEIRA, Jaci Guilherme. *História do PCB em Santa Catarina: da sua gênese até a operação Barriga Verde – 1922 a 1975*. 1994. 133 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.

VIZENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. Do nacional-desenvolvimentismo à Política Externa Independente. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 195-216.

VOLPATO, Terezinha Gascho. *A pirita Humana: Os mineiros de Criciúma*. Florianópolis: Ed. UFSC/Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984.

ZACHARIAS, Manif. *Minha Criciúma de ontem*. Criciúma, SC: Do autor, 1999.

ZACHARIAS, Manif. *Criciúma: vultos do passado e personalidades contemporâneas*. Criciúma, SC, 2000.

ZANELATTO, João Henrique. *De olho no poder: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na era Vargas*. Criciúma, SC: UNESC, 2012.

TRICHÊS, Janete. ZANELATTO, João Henrique. *História política de Criciúma no século XX*. Criciúma, SC: UNESC, 2015.

Fontes consultadas

A SITUAÇÃO econômica é simples. *Jornal Tribuna Criciumense*, 04 de setembro de 1961. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

A TODOS Vocês. *Jornal Tribuna Criciumense*, 11 de maio de 1958. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

BRASIL rompeu relações com Cuba. *Jornal Tribuna Criciumense*, 16 a 23 de maio de 1964. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

CASTELO Branco presidente – Brasil Busca Melhores Dias. *Jornal Tribuna Criciumense*, 18 a 25 de abril de 1964. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

EM CRICIÚMA uma cubana depõe contra Fidel Castro. *Jornal Tribuna Criciumense*, 12 a 19 de setembro de 1964. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

FALANDO francamente. *Jornal Tribuna Criciumense*, 15 de janeiro de 1962. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

GIGANTE adormecido. *Jornal Tribuna Criciumense*, 18 de setembro de 1961. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

INICIA-SE uma nova era para o país. *Jornal Tribuna Criciumense*, 25 a 2 de maio de 1964. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

JANGO no poder: um imperativo da consciência Democrática Nacional. *Jornal Tribuna Criciumense*, Semana da Pátria de 1961. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

LEIA, pense e medite. *Jornal Tribuna Criciumense*, 13 de abril de 1963. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

LIÇÕES da batalha que não houve. *Jornal Tribuna Criciumense*, 18 de setembro de 1961.

Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

NOVA crise política em perspectiva. *Jornal Tribuna Criciumense*, 28 de julho de 1962. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

O ÚLTIMO Reduto Totalitário. *Jornal Tribuna Criciumense*, 08 de agosto de 1960. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

PRESTES, o novo anjo. *Jornal Tribuna Criciumense*, 19 de maio de 1958. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

SUPERADA a crise – Vitória do movimento rebelde. *Jornal Tribuna Criciumense*, 3 a 11 de abril de 1964. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.

UNIDADE nacional pela legalidade com João Goulart. *Jornal Tribuna Criciumense*, Semana da Pátria de 1961. Disponível em: Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez, Criciúma, SC.